

# Turismo em pó

O capixaba não se cansa de propagar aos quatro cantos das inegáveis belezas da Grande Vitória com suas praias, montanhas, gastronomia, folclore, clima ameno, povo generoso e educado, entre outros. Bom ouvinte que é, o setor turístico se aproveita da admiração para vender a região metropolitana sob a máxima de que, se é bom para morar, é bom para receber. Sem querer ser redundante, porém, e apenas usar esse valioso espaço para uma reflexão como cidadão e agente econômico do setor, acho que nem tudo que encanta os capixabas seduzirá os que vierem conferir as nossas belezas.

Temos maravilhas na nossa prateleira de ofertas turísticas, em paralelo a deficiências como segurança, aeroporto, centro de convenções e qualificação funcional, além de um item que, até então era pouco considerado, mas que a cada dia ganha mais atenção do turista, especialmente o internacional: a poluição ambiental. E aí, não posso deixar de citar o pó de minério emitido pela Vale que, embora já acordado oficialmente entre órgãos ambientais e empresa poluidora, ainda não foi solucionado.

Fora do Brasil e especialmente em regiões mais desenvolvidas como a Europa, cresce rapidamente a Certificação Ambiental de Destinos Turísticos. Por exigência de mercados e consumidores, estão sendo desenvolvidos métodos de avaliação da qualidade, meio ambiente e segurança, sob a perspectiva de sustentabilidade, garantindo longevidade à atividade turística certificada focada em princípios econômicos viáveis e socialmente justos.

Enquanto isso, na Grande Vitória, além dessas questões ainda não serem nem ao menos comentadas, temos exemplos lamentáveis como o de um hotel filiado à ABIH-ES, na Praia da Costa, que, embora integrado a uma rede internacional

com reconhecidos méritos de gestão, exhibe informativo em suas acomodações, orientando aos hóspedes sobre cuidados especiais com a roupa de cama. O texto, em bom português e também em inglês, pede que evitem que o enxoval toque o chão em razão (pasmem!) da presença insistente do pó de minério nos apartamentos, apesar da limpeza constante.

O caso citado confirma que a questão transcende as nossas singelas varandas sujas de pó do minério. Ela afeta o futuro de Vitória, não apenas enquanto moradia e qualidade de vida, mas também como receptivo turístico. Em meio a tudo isso, só me resta concordar com o geógrafo Willis Faria, quando escreveu em artigo que “com a praia de Camburi assoreada e poluída, somos apenas um destino de negócios e não de lazer”.

Se a essa denúncia confrontarmos a voz autorizada do Professor Mario Petrocchi - que afirma que 86% das motivações turísticas no mundo são pelo lazer - com os dados da ABIH-ES de que 71% das nossas ocupações hoteleiras são corporativas, e da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), de que apenas 2% são decorrentes de eventos e congressos, fica evidente a ameaça que o ar poluído representa ao incipiente turismo de lazer local.

Recentemente, a instalação de Wind Fences (barreiras de ventos), como preconiza o TAC firmado entre o Ministério Público Estadual e a Vale, garantiu que agora o problema será resolvido. Esperamos que sim. Afinal, administrar diferenças, respeitar o meio ambiente, estar engajado socialmente e ser politicamente correto fazem parte dos tempos atuais. Quero ter o orgulho de dizer que Vitória Vila Velha, Serra, Cariacica e Viana são excelentes cidades para morar e receber.

■ ■ Nerleio Caus é presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis do ES.